

CAPÍTULO 7:

FORMAÇÃO CONTINUADA DOCENTE EM EaD EM TEMPOS DE PANDEMIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE

Marisa Dias Lima¹

O presente trabalho tem como objetivo analisar como o “Curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, ofertado pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU em parceria com as 5 IES, contribuiu para a construção de práticas pedagógicas no contexto do Ensino Bilíngue aos alunos surdos pelos cursistas no formato do ensino remoto. Para tal, utilizou-se como metodologia a pesquisa qualitativa, com o uso de questionários respondidos por cursistas de duas edições (1ª edição com 914 cursistas e a 2ª edição com 548 cursistas). Esse curso, oferecido na modalidade de Educação a Distância, teve início em outubro de 2020 e encerrou-se na 2ª edição, em março de 2022. Nesse sentido, a referida formação auxiliou no desenvolvimento de habilidades e competências para interligar o uso de ferramentas tecnológicas com o planejamento pedagógico e oferecimento de conteúdos nas aulas por meio do ensino remoto, além de formar os docentes na perspectiva da educação de ensino bilíngue com os alunos surdos, possibilitando o repensar da prática pedagógica.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília - UnB. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenadora do “Curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, 1ª e 2ª edições. E-mail: marisali-ma@ufu.br

1. Introdução

Um dos desafios da escola na sociedade contemporânea é a escolarização de alunos com deficiência, ainda mais alunos surdos, devido à especificidade linguística que os distingue dos demais. Apesar de possuímos um vasto aparato legal (BRASIL, 1996, 2008, 2015, 2020, entre outros), essa questão ainda se apresenta complexa no cotidiano escolar. Tal situação se agravou em 2020, com a pandemia causada pelo novo Coronavírus (COVID-19)², na qual a escola precisou repensar seus processos educacionais e suas práticas pedagógicas, principalmente, porque as aulas passaram a ser oferecidas de forma remota. De acordo com Costa e Sousa (2020, p. 132), “[...] o ensino remoto, por sua vez, pode surgir a partir de adaptações e traduções pedagógicas. Esse tipo de trabalho não necessariamente é realizado por equipes especializadas na modalidade a distância”.

Nesse contexto, a formação continuada docente, para atender às demandas da política de Educação de Surdos, também teve que se reconstituir. Mesmo capacitações no formato de Educação a Distância (EaD) necessitaram revisar e elaborar novas práticas que contemplassem o contexto que a sociedade se encontra, focar-se na prática de ensino na formação, não em discussão e reflexão teórica, devido ao contexto atípico em que se encontram os professores.

Nas últimas décadas, a Educação dos Surdos tem se voltado para uma proposta atual, que é de ensino na perspectiva da Educação Inclusiva, que preconiza que todos os sujeitos com deficiência, inclusive os surdos, possam usufruir de uma escola de qualidade com suportes adequados para a sua escolarização, permitindo a esses indivíduos o acesso às escolas regulares e possibilitando o combate das atitudes discriminatórias e a construção de uma sociedade inclusiva.

² Para mais informações, acessar o site do Ministério da Saúde, disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br>. Acesso em: 28 jul. 2022.

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008) orienta os sistemas de ensino a darem respostas adequadas às necessidades dos alunos com deficiência. A inclusão escolar pressupõe que não só o acesso, mas a permanência, a participação e a aprendizagem dos educandos sejam garantidas. A proposta da Educação Inclusiva não se restringe apenas aos alunos, mas constitui-se como a forma de pensar e agir da escola de maneira a garantir os suportes necessários para o processo de ensino aprendizagem de todos. Nesse tempo, houve um longo período de movimento surdo defendendo a Educação Bilíngue, sendo que, recentemente, essa reivindicação foi decretada como Política Pública de Educação, sendo inserida na LDB a Educação Bilíngue de Surdos como modalidade de ensino sancionada pela Lei 14.191/2021.

Retomando ao contexto da crise que se instalou devido à pandemia, as escolas se viram em uma situação em que foi preciso repensar a sua organização e, ao mesmo tempo, em que os alunos tiveram que se adaptar ao ensino remoto, os docentes tiveram que readequar o seu trabalho de forma a atender as demandas atuais. Muitas vezes, sem familiaridade suficiente com os recursos tecnológicos e estratégias pedagógicas utilizados na EaD, os professores da Educação Básica tiveram que se apropriar das ferramentas e metodologias por conta própria. De acordo com Ferreira e Barbosa (2020), a atividade profissional docente teve que se modificar na migração para o ensino remoto, com o desenvolvimento de habilidades específicas para criação de conteúdos, edições de vídeo e orientações claras para o estudo.

Com isso, vieram à tona muitos dos problemas relacionados à Educação de Surdos, já conhecidos e que, agora, obrigatoriamente, devem ser enfrentados, como a falta de capacitação dos docentes com a Libras sem contar com o profissional tradutor intérprete de Libras nas salas de aula, assim como a falta de proximidade de muitos docentes com a utilização dos recursos tecnológicos digitais na prática profissional. Mais do que inserir as tecnologias no dia a dia, diversos gestores e professores estão precisando aprender ou aprofundar seus

conhecimentos sobre o bom uso pedagógico desses recursos, sem falar das referências de seu uso para com os alunos surdos, tais como os jogos, visualização de tela para sinalização, gravação em Libras. “Nesse sentido, estratégias têm sido implementadas a fim de dar suporte a esses docentes, de modo que se sintam mais confortáveis a seguirem com suas atividades de modo remoto.” (MACHIAVELLI; CAVALCANTE, 2020, p. 2).

Nesse sentido, torna-se relevante verificar o que as formações continuadas estão oferecendo aos professores e demais profissionais da Educação, mais especificamente sobre ensino remoto aos alunos surdos. Tomamos como foco o “Curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, da Universidade Federal de Uberlândia, em parceria com 5 IES, o qual foi ofertado pelo CEAD-MOODLE-UFU³ para professores de todo o território do Brasil. Isto posto com o objetivo de analisar as contribuições da referida formação, a partir da perspectiva dos cursistas (que são docentes tanto da rede privada quanto pública, de diferentes regiões do Brasil) na sua prática pedagógica no contexto da Educação de Surdos (Educação Inclusiva e Educação Bilíngue) em tempos de pandemia.

2. Educação de surdos e ensino remoto

Os sistemas educacionais que atuam na Educação de Surdos, atualmente, na perspectiva de Educação Inclusiva e Educação Bilíngue, devem assegurar recursos, estratégias e serviços diferenciados e alternativos para atender às especificidades educacionais dos alunos surdos, tanto no uso linguístico quanto na valorização da identidade e cultura surdas. Dessa forma, no ensino remoto, foi preciso que essas ações fossem reconstruídas, passando a usar com mais intensidade, nas aulas, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) que

³ Centro de Educação a Distância – CeAD da Universidade Federal de Uberlândia – MG.

consistem em um diversificado conjunto de recursos tecnológicos, tais como: computadores, internet e ferramentas que compõem o ambiente virtual, tais como chats e correio eletrônico; fotografia e vídeo digital; TV e rádio digital; telefonia móvel; *wifi; websites e homepages*, ambiente virtual de aprendizagem para o ensino a distância; entre outros (TEIXEIRA, 2010).

Na conjuntura do distanciamento social causado pela pandemia, as diversas esferas da sociedade tiveram de se reinventar ou até mesmo parar seus serviços. A educação presencial foi uma dessas esferas e, buscando minimizar os efeitos que poderiam vir da não retomada de quaisquer tipos de atividades, foi adotado o ensino remoto.

Por um lado, assumimos que o ensino remoto não equivale ao ensino presencial, seja pelas precárias condições de vida dos professores, alunos e seus familiares, de acesso, de realização das atividades no ambiente doméstico, de ajustes às especificidades e às singularidades de cada aluno, no caso dos surdos, o uso linguístico da Libras, bem como pelo limite que a ferramenta tecnológica impõe sobre as formas de interação e mediação pedagógica com pares surdos, propiciando, assim, um ambiente linguístico que viabiliza o desenvolvimento destes.

[...] por outro lado, em exercícios de reflexões, ainda sem um distanciamento e na esperança de perspectivar projetos, tendo em vista o período de excepcionalidade, podemos considerar que as estratégias de ensino remoto podem abrir possibilidades de vislumbrar futuro. De certa forma, o ensino remoto viabiliza a presença da escola na vida dos alunos, mantém a memória da vivência presencial nesse espaço, atualizando as relações já estabelecidas. Cria um elo, mesmo que frágil, entre o aluno e a escola, o que reitera a ideia dela como instituição, por excelência, mediadora dos processos de humanização. (SOUZA; DAINEZ, 2020, p. 11).

Shimazaki, Menegassi e Fellini (2020, p. 2) ressaltam que as medidas do ensino remoto, de maneira geral, ignoraram questões “[...] como a situação de vulnerabilidade socioeconômica, linguística, física e cognitiva dos alunos.”. Quando tais condições foram ignoradas, a situação de alunos surdos que necessitam de um trabalho específico ou direcionado agravou-se porque a diversidade do aprendizado foi ignorada.

Tornou-se desafiante para a escola pensar em práticas diversas que possam contemplar todos os alunos dentro do que é a proposta de inclusão escolar, sem perder de vista o cenário em que estávamos imersos. A respeito disso, Zordam e Almeida (2020) dizem que é necessário analisar em que sentido ou de quais maneiras a atividade educacional se relaciona com a vida, o que nos traz a preocupação sobre o que tem e de que forma tem chegado aos nossos educandos, sabendo que, em muitos casos, não há nenhum tipo de acesso garantido. Desse modo, há necessidade de refletir acerca da formação continuada ofertada aos professores, uma vez que o que tem sido oferecido aos docentes trará implicações diretas ao que é disponibilizado aos estudantes.

No entanto, não há de se investir somente em formações que tenham por tema o uso de TICs de forma paralela aos outros assuntos/contextos, mas todas as formações continuadas precisam estar atualizadas e contextualizar o ensino que oferecem, dando base para o professor repensar sua prática pedagógica e ser capaz de relacioná-la com a sua realidade, interligando-se na perspectiva de ensino bilíngue.

3. A formação continuada em educação de surdos em perspectiva inclusiva e/ou bilíngue em tempos de pandemia

A chegada da pandemia da COVID-19 trouxe um novo olhar para a Educação e, com isso, os cursos de formação docente precisaram repensar a sua estrutura, de modo a contemplar, conforme Garofalo (2020), ferramentas de colaboração, como videoconferências e

aplicativos de mensagens instantâneas, e ferramentas de interação, como fóruns e e-mails, porque, uma vez que as formações continuadas implementam o uso de tais ferramentas, que eram comuns na EaD, ensinam os professores a utilizá-las, o que atribui a esses cursos maior responsabilidade nesse período de ensino remoto. Na medida em que esse período pandêmico se estende, aumenta, por exemplo, a importância do uso de diferentes recursos tecnológicos com a finalidade de oferecer aos alunos um ensino claro, coeso e dinâmico, que atenda às exigências do momento.

Os professores veem-se no desafio de reinventar suas práticas, distanciando-se de metodologias do ensino presencial, que, inicialmente, foram completamente adotadas remotamente, para novas práticas que contemplem uma dinâmica mais próxima da EaD e maior relação entre professor e aluno, sem intermediação de terceira pessoa, no que tange à acessibilidade linguística dos surdos por meio da Libras.

Segundo Tozetto (2017, p. 24.543),

[...] para que realmente se efetive uma formação continuada dos docentes que atuam com os alunos surdos que os considere como sujeitos históricos, sociais, políticos e culturais, é preciso que esta se dê num movimento dialético de construção e de reconstrução da cultura e do conhecimento.

Logo, as formações continuadas para docentes precisam considerar o contexto em que estão inseridas, promovendo diálogo com a realidade, de maneira a rever e reavaliar quais medidas têm sido significativas, para que os professores elaborem práticas pedagógicas que contemplem as demandas do momento. Esse movimento deve se dar ao longo do percurso formativo, possibilitando a construção e reconstrução dos saberes, de maneira que sejam aplicáveis e efetivos.

Devido à pandemia, mesmo os cursos na modalidade EaD precisaram repensar sua estrutura de organização e funcionamento, visto que tanto os docentes do curso quanto os cursistas estavam imersos no

contexto em que se encontrava a sociedade: de distanciamento social. E, por compreender essa realidade, o “Curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, para professores da Educação Básica que reside em toda a região do Brasil, oferecido até a segunda edição pelo CEAD-MOODLE-UFU na modalidade EaD, com início em novembro de 2020 a Janeiro de 2021, na 1ª edição com carga horária total de 90h e 2ª edição com início de outubro de 2021 a Março de 2022, com carga horária total de 180h, teve que sofrer modificações na organização e oferta de seus conteúdos, como forma de atender às exigências e necessidades do momento. O curso lida com professores que tiveram suas casas divididas em espaço familiar e espaço de trabalho, mães e pais que tiveram que lidar com o ensino dos próprios filhos em meio a muitas outras demandas, como a saúde de familiares idosos, o aprendizado do uso da tecnologia como ferramenta de trabalho, entre outros fatores. Para tanto, o “Curso de Educação de Surdos em tempos de pandemia” implementou 11 (onze) videoaulas gravadas sobre as diversas temáticas discutidas e relacionadas ao período pandêmico. Também houve a inserção de vídeos informativos compreendendo que a dinâmica das famílias foi alterada, auxiliando na “leitura” do material, vídeos sobre os conteúdos e vídeos com mensagens de motivação, estes com o objetivo de buscar proximidade com os cursistas. Também foram feitas reuniões *on-line* a cada etapa do curso, tanto com a equipe quanto com os cursistas, para dinamizar a aprendizagem e promover o contato entre todos, além de buscar retorno sobre o resultado das modificações. O calendário de prazos de entrega de atividades foi flexibilizado e ocorreram mudanças nas propostas das atividades das aulas e, no fim, todos conseguiram concluir com êxito, apesar dos empecilhos que tiveram no decorrer do curso, como se ver em relatos abaixo por meio de formulário de questionário aos cursistas coletados:

- “Como havia falado, como fiquei doente (COVID) e não pude acompanhar como deveria, diria que foi satisfatório, mas poderia ser melhor.”

- “Poderia ter me dedicado muito mais, porém, em final de ano, início de férias, ficou bem puxado.”
- “O curso surgiu em um momento de professores esgotados mentalmente...recesso escolar ... acredito que, diante disso, os prazos para realizar as atividades foram poucos.”

Todas essas modificações sugeridas, aplicadas, avaliadas e reavaliadas nos fazem perceber que a Educação tem relação direta com as questões cotidianas. Por consequência, percebemos que a EaD necessitou de uma nova organização de acompanhamento da equipe, nova organização metodológica no que tange às atividades e a formação continuada precisou revisar o currículo, objetivando oferecer uma base que atendesse às necessidades do professor nesse período. Cabe, agora, analisar como tais modificações auxiliaram diretamente os cursistas nessa nova etapa pela qual a educação passou, que foi o ensino remoto.

4. Metodologia

O estudo consistiu em uma pesquisa de matriz qualitativa, que compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas, as quais visam descrever e decodificar os componentes de um sistema complexo de significados (GATTI; ANDRÉ, 2011). Para investigar as contribuições do “Curso de Educação de Surdos em tempos de pandemia” na prática docente no ensino remoto com os alunos surdos, utilizaram-se questionários que, de acordo com Gil (1999), têm por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas.

Optou-se pelo desenvolvimento de um questionário *on-line* na plataforma do Google Formulário⁴, o curso da 1ª edição possui 1500 cursistas matriculados, porém, apenas 914 responderam ao questionário. A 2ª edição possui 1000 cursistas matriculados e foram respondidos

⁴ Ferramenta de coleta de respostas, utilizada para pesquisas, avaliações etc.

somente 548 cursistas. Para tal, foi enviado um termo de consentimento livre e esclarecido pela própria plataforma do curso, contendo um convite para participação e proposta da pesquisa.

Na primeira edição, em janeiro de 2021, foi enviado o link com o questionário *on-line*, composto por 6 categorias com o total de 34 questões fechadas e 1 questão aberta de cada categoria para feedback, sendo que o mesmo foi feito no final da 2ª edição, que ocorreu em março de 2022. As questões foram elaboradas com o objetivo de conhecer o perfil pessoal e profissional dos cursistas, organização do curso, conteúdo e equipe envolvida e as contribuições dessa formação na elaboração de aulas remotas para o Ensino Básico. Todos os registros recolhidos não pediram a identificação do cursista, sendo tratados eticamente. A partir das informações coletadas no questionário e dos referenciais teóricos sobre a temática da Educação de Surdos, formação de professores e aulas remotas, foi realizada a análise dos dados por meio da categorização das perguntas e respostas.

No presente artigo, fizemos um recorte da análise para contemplar os objetivos propostos, de forma a compreender, pela visão do próprio cursista, como o curso contribuiu para a construção de aulas remotas para turmas com alunos surdos. Vale enfatizar que o curso é sobre a temática da Educação dos Surdos em uma perspectiva de ensino bilíngue, ou seja, trabalha diversos aspectos dessa área de estudo, ampliando, assim, o conhecimento pedagógico dos cursistas na Educação de Surdos.

5. Perfis dos cursistas

Para entendermos o perfil do alunado do “Curso de aperfeiçoamento de Educação de Surdos em tempos de pandemia”, foram feitas algumas perguntas sobre isso. Sendo assim, na 1ª edição, o questionário foi respondido por 914 cursistas, no qual 790 se declaram sendo do sexo feminino e 124 do sexo masculino, que é a minoria de

público matriculado nesse curso. O mesmo acontece na 2ª edição, que apresenta estimativas aproximadas, na qual 14,22% declaram ser do sexo masculino, que é um número extremamente baixo comparando-se com os 85,78% que se declaram ser do sexo feminino.

Ainda seguindo na formação dos cursistas, o questionário nos mostrou que a grande maioria aqui representada compõe o corpo docente da Educação Infantil e das séries iniciais, estando diretamente ligada à área de humanas, enquanto os demais cursistas atuam nas disciplinas específicas das suas respectivas áreas de formação ou até mesmo no que tange à multidisciplinaridade.

Ao indagarmos sobre o segmento de interesse dos cursistas de fazer o curso, tivemos uma variedade de respostas e isso se deu devido à atuação dos cursistas em diferentes segmentos.

- “pandemia; necessidade de melhorar minha prática pedagógica; conhecimento.”
- “Primeiro, por trabalhar na sala de AEE. Segundo, por conhecer a comunidade surda. Porque posso vir a ter um aluno surdo em minha sala, aí preciso saber trabalhar com ele.”
- “1) interesse em melhorar minha prática; 2) aprender com novas ideias; 3) conhecer a realidade de outras escolas.”
- “Melhoria na minha prática docente; utilizar bem o meu tempo disponível; contribuir para uma Educação Inclusiva.”
- “1- Cursos a distância me facilitam a organizar meus próprios horários de estudos; 2- Gratuidade; 3- Temática essencial para o bom desenvolvimento do ensino remoto.”
- “1- Adquirir conhecimento; 2- Aprender novas tecnologias para auxiliar nas aulas on-line e presencial; 3- Interagir com outros professores para troca de experiências na Educação de Surdos.”

Nas questões acima, percebe-se que a maioria dos cursistas revela que tem buscado a formação para obter o aprimoramento dos conhecimentos e de sua prática pedagógica no que se refere ao ensino remoto, que era um campo de desconhecimento dos professores durante toda a sua atuação na Educação Básica.

6. Contribuições do curso de educação de surdos em tempos de pandemia na construção de aulas remotas

Para analisarmos as contribuições do “Curso de Educação de Surdos em tempos de pandemia” na prática pedagógica dos cursistas, precisamos entender o contexto em que eles estão inseridos em relação ao uso da tecnologia e da EaD. Com isso, verificamos a facilidade que o ambiente do curso da modalidade EaD promovia aos alunos, 77% dos cursistas da 1ª edição responderam ótima com um aumento na 2ª edição, na qual 80% dos cursistas disseram que ter sido ótima no que se refere à facilidade de utilização do curso EaD, pois, no período da 2ª edição, os professores já estavam mais habituados com o uso de tecnologias, devido ao ensino remoto que já se arrastava em longo tempo que ocorreu o curso. Sendo assim, no geral, percebemos que um grande número teve facilidade com a plataforma do curso e, a partir de suas experiências, fica mais fácil transpor esse conhecimento para o ensino remoto, sendo que alguns tiveram dificuldades, mas logo foram sanadas com vários suportes no decorrer do curso, conforme se vê nos comentários abaixo dos cursistas:

- “Achei tudo excelente e de qualidade.”
- “Essencial para o momento em que estamos vivendo.”
- “Como eu já participei de outros cursos com esse tipo de plataforma, não tive dificuldades para me familiarizar com ela e cumprir com as atividades propostas pelo curso.”

- “Tudo foi muito bem pensado, estudado e elaborado. Só tenho o que agradecer pela rica oportunidade.”
- “Gostaria de ter tido algum contato ao vivo, entre todos.”
- “Usar outra plataforma que seja possível o uso do aumento da velocidade do vídeo.”
- “Excelente! O ambiente é de fácil navegação, você tem acesso às suas notas e pode acompanhar sua evolução. A tutora é uma profissional prestativa, compreensiva e muito responsável.”
- “Confesso que, no início, tive um pouco de dúvida, mas logo consegui entender, devido ao fácil acesso.”
- “Adorei essa interação com os colegas e com o tutor, eram flexíveis e ajudavam sempre que possível em nossas dúvidas.”
- “No início do curso, tive dificuldades para acessar a plataforma, por falta de domínio das tecnologias, mas, com a ajuda da tutora, que enviou pelo whatsapp o link direto da plataforma, ficou tudo resolvido, pois salvei a senha e, a partir daí, foi só sucesso.”

Nas palavras de Soares e Santos (2013, p. 310), “[...] a integração ao mundo tecnológico, midiático e informacional impõe-se como uma exigência quase universal [...] o acesso aos artefatos tecnológicos [...] é, ao mesmo tempo, uma exigência e um direito daqueles que praticam a educação.”.

Apesar de perceber que a maioria dos cursistas tem conhecimento e utiliza recursos da tecnologia no seu cotidiano, é preciso entender o funcionamento dessas ferramentas para inseri-las na prática pedagógica. Apenas saber usar não é suficiente para utilizar esses recursos como mediadores do aprendizado. Como apontado por Sandholtz, Ringstaff e Dwyer (1997), a tecnologia não é uma saída mágica – ela é apenas um “ingrediente” preciso nos esforços de uma reforma educacional.

A nova exigência educacional acabou nos fazendo conceber o ensino remoto como possível, apesar do cenário carente em que se encontrávamos. Para além disso, a vontade de ensinar aos alunos surdos e compartilhar suas experiências docentes é algo muito visível no “Curso de formação em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, por meio da participação assídua nas trocas de experiências e conhecimentos nos fóruns, nos encontros síncronos, nos materiais em vídeos etc.

No contexto dessa formação, quase todos os cursistas matriculados lecionavam suas aulas de forma remota. Já com relação ao simples fato de estarem matriculados em um curso na modalidade EaD, foi perguntado aos cursistas se as videoaulas do Módulo 2 – “Processo de ensino remoto e suas práticas na Educação Bilíngue de surdos” os auxiliaram na produção de atividades remotas em suas respectivas aulas remotas, 83% da 1ª edição responderam que foram ótimos e o mesmo foi dito na 2ª edição, com 88%. Contudo, ao iniciarem as atividades, os cursistas afirmaram que o curso auxiliou no conhecimento e utilização das ferramentas digitais, pois aprenderam a usá-las, e quando a pandemia se instalou, decretando o distanciamento social, já haviam desenvolvido certas habilidades para continuarem ministrando suas aulas de forma remota, como podemos verificar nos relatos dos cursistas a seguir:

- “O curso me ajuda a entender e a atuar dentro da realidade dos meus alunos.”
- “As vídeoaula e formas de estratégias trabalhadas pelos professores foram ricas em informações e contribuíram muito para meu aprendizado.”
- “Excelentes!!! Fiquei encantada com a riqueza de conteúdo e clareza nas explicações em Libras.”
- “Letramento/alfabetização foi muito bem esclarecido com atividades oportunas para o atual período que estamos passando.”

- “Módulo incrível, o qual aborda vários assuntos, como: atentar para a emoção, conhecer o aluno, suas características, suas experiências, focar na Libras e na visualidade, estimular a leitura por meio de histórias, confecção de materiais.”
- “Esse módulo foi muito prático, teve bastante informações práticas que ilustraram muito bem as discussões do módulo 1. Esse módulo colocou à disposição de cada cursista uma gama de metodologias e estratégias úteis nesse momento de aulas remotas.”
- “Nesse módulo, foram surpreendentes a qualidade e a quantidade de dicas e reflexões dentro da prática no planejamento e nas metodologias/ferramentas que podem ser usadas no contexto da Educação Bilíngue.”
- “Práticas para pensarmos na Educação de Surdos no contexto remoto. Sendo que foi muito interessante ver diferentes práticas e estratégias usadas no período de pandemia.”
- “Cada vídeo aqui assistido nos fez entender como devemos agir diante desse momento que estamos vivendo e como trabalharmos nas aulas remotas. Fico grata por casa momento aqui vivido, momento esse que enriqueceu o meu aprendizado.”
- “Contribuiu muito, pois tenho adicionado as aprendizagens que adquiero no curso ao meu trabalho e as experiências do meu trabalho ao curso.”

O que se verifica a partir das respostas é que tem sido muito positivo para os cursistas estarem em um curso no formato EaD durante a pandemia, pois, com a obrigatoriedade das aulas remotas, tiveram melhores suportes em trabalhar com os conteúdos interligados com as ferramentas digitais apresentadas pelos professores ministrantes do curso, que possuíam experiência de ensino remoto com os alunos surdos. Assim sendo, percebemos o quanto o curso, quando proporciona a utilização

de diferentes recursos, contribui para alterações positivas nas práticas pedagógicas. A readaptação da realidade da sala de aula física para a sala de aula virtual trouxe mudanças significativas na forma de ensinar e de se comunicar. Segundo Kenski (2004):

Estudantes e professores tornam-se desincorporados nas escolas virtuais. Suas presenças precisam ser recuperadas por meio de novas linguagens, que os representem e os identifiquem para todos os demais. Linguagens que harmonizem as propostas disciplinares, reincorporem virtualmente seus autores e criem um clima de comunicação, sintonia e agregação entre os participantes de um mesmo curso. (KENSKI, 2004, p. 67).

Retomando aqui a percepção dos cursistas sobre se os conteúdos ofertados no curso auxiliaram na prática docente, eles responderam que conseguiram vislumbrar possibilidades de aprimoramento e mudanças na sua forma de ensinar. Para Redig, Mascaro e Dutra (2017, p. 38), “[...] a formação de professores deve ser dialógica, por meio de percursos formativos, de maneira que a relação teoria e prática fique evidente ao futuro docente.”. Seguindo esses preceitos, podemos observar, nos relatos dos cursistas, que o curso alcançou esse objetivo:

- “No meu entendimento, o fórum também exige leitura e reflexões. Entretanto, não significa que vá ter o mesmo peso de atividades que apresentam produção textual individual e sintática, porém houve uma dissonância significativa entre o peso do fórum para com o envio de arquivo.”
- “As avaliações nos levaram a refletir sobre a nossa prática pedagógica diária, ou seja, nossa experiência. Sabemos que temos que nos munir de conhecimento para agregarmos valores ao nosso ofício de professora de aluno surdo ou não.”
- “Bastante satisfatório, superou minhas expectativas. Imaginei que, nesse curso, aprenderíamos como analisar, estabelecer e

traçar caminhos para os processos educativo do sujeito surdo. Mas ele foi muito além disso.”

- “Os conteúdos abordados me fizeram refletir sobre a minha prática pedagógica.”
- “Serviram como orientação para o atendimento aos alunos.”
- “Expandiram a minha compreensão sobre suportes relacionados ao exercício do magistério.”
- “O conteúdo e forma de abordagem auxiliaram tanto nos alunos com deficiência como os demais.”
- “A aprendizagem que venho adquirindo nesse curso me fez despertar para uma prática mais consciente com o aluno da sala de recursos; propor ações do cotidiano do aluno.”

Considerando a real importância em aplicar com clareza o conhecimento, bem como propiciar o sucesso profissional e o desempenho significativo dos cursistas, tanto na 1ª quanto na 2ª edição, 90% afirmaram que os seus desempenhos no curso foram satisfatórios no que tange à utilização de recursos e as práticas pedagógicas sugeridas têm feito a diferença no planejamento das aulas remotas. É fundamental o uso desses recursos tecnológicos no processo de ensino aprendizagem e, por isso, o curso de aperfeiçoamento precisou considerar essa questão ao oferecer diferentes estratégias para que o cursista vislumbrasse possibilidades na sua prática. Segundo Fiori e Goi (2020, p. 235), “[...] na ambiência educacional, não se considera mais a ideia de educar sem a intervenção tecnológica.”

Quanto às respostas dos cursistas sobre como o curso procurou compartilhar as experiências e estratégias mais próximas da realidade vivenciada pelos professores em ensino remoto com usos tecnológicos, ampliando suas possibilidades de exercer a docência, encontramos:

- “Agregou muitos conhecimentos, os quais nunca encontrei em outros lugares. Os conteúdos foram incríveis!!! Contri-

buiu com a minha inacabada formação profissional em prol da Educação Bilíngue para Surdos! Parabéns aos responsáveis!!!”

- “Enquanto mãe de aluna surda, fiquei realizada e agradecida pelos conteúdos disponibilizados, vivemos momentos difíceis, de muito aprendizado, adorei esse curso, que venham outros momentos como esse, gratidão.”
- “Os conteúdos abordados no curso foram fiéis à prática educacional diária. Foi de grande valia participar e oportunizar novos conhecimentos.”
- “Curso maravilhosos!!! Poderia ser mais divulgado, pois, nós, professores, precisamos cada vez mais de aperfeiçoamento na área de Educação Especial e em Libras. Todo o conteúdo foi bem da realidade da sala de aula, pois, normalmente, faço formações com professores que, muitas vezes, também trabalham em universidades, que falam coisas muito fora da nossa realidade atual e esse curso me surpreendeu positivamente, pois, apesar da formação abranger também professores com mestrado e doutorado, foi de fácil linguagem e compreensão, além de citar inúmeros recursos e ideias úteis em nosso dia a dia. Amei! Parabéns!”
- “O curso foi extremamente prazeroso, motivador, inovador. Ampliou meu olhar para a Educação Inclusiva, me fez refletir bastante sobre a necessidade emergente de aprender Libras cada vez mais e ensinar ao máximo de pessoas que eu puder atingir. A atenção, o carinho da tutora fizeram toda diferença, registro minha profunda gratidão a todos os envolvidos nesse projeto magnífico. Foi realmente incrível e já estou sentindo falta. Deus continue abençoando a cada um de vocês, muita paz, luz.”
- “Perfeito! Esse curso retratou todo o período de pandemia na íntegra, mostrando as realidades, dificuldades e as supera-

ções de todo os professores, alunos e seus familiares. Vocês nos proporcionaram um belíssimo curso, com professores altamente qualificados e uma tutora exemplar, com aulas ricas em conteúdo, Parabéns! Muito obrigado a todos.”

Com isso, percebemos que os cursistas conseguiram vislumbrar funções pedagógicas nos artefatos tecnológicos que estamos acostumados a utilizar no nosso cotidiano, mas não necessariamente usamos como ferramentas de aprendizagem. Acreditamos que os conteúdos apresentados no curso podem se tornar instrumentos que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem de alunos surdos, tanto no ensino remoto como também no ensino presencial. Porém, é preciso saber utilizar, garantindo o ensino de qualidade para esses sujeitos.

O legado de toda esta questão da pandemia, nos alerta para que os métodos de ensino devam caminhar lado a lado com as tecnologias de informação e comunicação atentando se a língua, identidade e cultura do sujeito surdo que já se avizinha há alguns anos, mas que estava sendo vista de forma muito particularizada. O que determina os parâmetros de qualidade da educação no ensino remoto é a educativa alinhada com o sistema operacional, que envolve os meios tecnológicos. (FIORI; GOI, 2020, p. 237).

Toda crise traz oportunidades de repensarmos nossos valores, nesse prisma, acredita-se que a crise causada pela Covid-19 tenha oferecido a chance de experimentarmos novas maneiras de fazer as coisas e questionar velhos hábitos. É hora de “aproveitar a oportunidade” para aprender novas práticas e adquirir novos hábitos.

7. Conclusões

A transformação da educação dos alunos surdos na modalidade de ensino remoto, muito mais do que uma mudança abrupta que

demonstra que os modelos atuais não se aplicam à atual realidade, dita as regras de uma nova cultura, a digital, na qual há necessidade de modernização das formas de ensinar, mas, ao mesmo tempo, de encontrar um equilíbrio entre o uso da tecnologia e a mediação humana, garantindo o uso linguístico dos alunos surdos, no caso, a Libras. Essa mudança de hábitos, essa nova cultura, prevê que o uso das novas tecnologias está associado às inovações constantes e permite a criação de novas soluções de metodologias que se atentam às especificidades de ensino bilíngue com uso visual linguístico dos alunos surdos.

Diante das mudanças no ensino, causadas pela pandemia que, conseqüentemente, afetou a formação docente, concluímos que as reformulações realizadas, as ferramentas utilizadas e a proposta do curso de aperfeiçoamento, juntamente com o conteúdo ofertado, contribuíram para que os cursistas/professores que atuam no ensino remoto pudessem elaborar aulas mais compatíveis com o momento atual e proporcionar aprendizado mais significativo para seus alunos.

Mediante às respostas, fica nítido que os conteúdos aplicados estão sendo importantes para agregar conhecimentos aos cursistas e o retorno extremamente positivo demonstra que o trabalho segue um caminho de sucesso, não apenas no planejamento de aulas no formato remoto, mas também na formação continuada para atuar na área da Educação Inclusiva.

- “Gostaria de agradecer à equipe do curso pelo excelente curso, muito rico em conteúdos e profissionais de excelência.”
- “Estou adorando o curso! Ele é de total relevância para minha atuação como docente.”
- “Esse curso abriu-me um leque de oportunidades e de práticas para me auxiliarem.”
- “Concluo dizendo que estou gostando muito do curso. Atualizado e com informações importantes para quem trabalha e quem ainda não teve a oportunidade de trabalhar com alunos da Educação Especial. Só vem a contribuir.”

Nessa direção, concluímos que, pelas respostas dos cursistas, é possível elaborar aulas na perspectiva da Educação de Surdos no contexto remoto, sendo que essas aulas precisam ser construídas com acessibilidade linguística, pedagógica e tecnológica para todos os alunos, inclusive, os alunos surdos. Sendo assim, percebemos que o curso de aperfeiçoamento auxiliou os cursistas/docentes no planejamento de conteúdos e aulas remotas, utilizando diferentes ferramentas digitais para proporcionar a inclusão escolar destes educandos.

Educar em tempos tão controversos requer inteireza, pesquisa, diálogo, coerência para compreender criticamente o que acontece e só então pensar como se posicionar ante ao ato pedagógico, pois a atitude formativa é sobretudo de análise aprofundada da realidade. As narrativas docentes contribuem para o processo de formação de quem narra e também dos interlocutores (FERREIRA, 2014), no momento que propicia a consciência de sua própria trajetória e oferece ao outro testemunho de resistência, de luta e de convicção. (FERREIRA; BARBOSA, 2020, p. 20).

Sabemos da necessidade de muitas ressignificações, tanto no nível da Educação Básica quanto das formações docentes. Nesse sentido, consideramos que ultrapassamos os objetivos iniciais do “Curso de aperfeiçoamento em Educação de Surdos em tempos de pandemia”, que ansiava contribuir diretamente na formação de professores para atuarem com alunos surdos matriculados, ou seja, no contexto da Educação Inclusiva e /ou Educação Bilíngue. Na medida em que fomos “atropelados” pela pandemia e, como consequência, pelo distanciamento social, o curso pôde ir além, contribuindo para planejar aulas no ensino remoto.

Referências

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/19394.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC, 2008. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16690-politica-nacional-de-educacao-especial-na-perspectiva-da-educacao-inclusiva-05122014&Itemid=30192. Acesso em: 10 ago. 2022.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 31 out. 2022.

BRASIL. **Decreto nº 10.502, de 30 de setembro de 2020.** Institui a Política Nacional de Educação Especial: equitativa, inclusiva e com aprendizado ao Longo da Vida. Brasília: Presidência da República, 2020. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/d10502.htm. Acesso em: 2 fev. 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021.** Dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos na LDB. Brasília: Presidência da República, 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.html. Acesso em: 20 fev. 2022.

COSTA, M. R. M.; SOUSA, J. C. Educação a Distância e Universidade Aberta do Brasil: reflexões e possibilidades para o futuro pós-pandemia. **Revista Thema**, Pelotas, v. 18, edição especial COVID-19, p. 124-135, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15536/thema.V18.Especial.2020.124->

135.1832. Disponível em: <http://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1832>. Acesso em: 3 set. 2022.

FERREIRA, L. H.; BARBOSA, A. Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social. **Práxis educativa**, Ponta Grossa, v. 15, ISSN 1809-4031, p. 1-24, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.15483.076>. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15483>. Acesso em: 3 set. 2022.

FIORI, R.; GOI, M. E. J. O ensino de Química na plataforma digital em tempos de Coronavírus. **Revista Thema**, Pelotas, v. 18, edição especial COVID-19, p. 218-242, 2020. DOI: <https://doi.org/10.15536/thema.V18.Especial.2020.218-242.1807>. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1807>. Acesso em: 3 set. 2022.

GAROFALO, D. Novas aprendizagens para formação docente com a pandemia. **UOL**, São Paulo, 29 abr. 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/debora-garofalo/2020/04/29/novas-aprendizagens-para-formacao-docente-com-a-pandemia.htm>. Acesso em: 13 ago. 2022.

GATTI, B.; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLE, W.; PFAFF, N. (Orgs.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 29-38.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: [s. n.], 1999.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. São Paulo: Papirus, 2004.

MANCHIAVELLI, J. L.; CAVALCANTE, P. S. Formação docente continuada baseada em cursos abertos massivos on-line (MOOCs): experiência da Universidade Federal de Pernambuco durante a pandemia pelo

Coronavírus. *In*: CONGRESSO SOBRE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO (CTRL+E 2020), 5., 2020, João Pessoa. **Anais** [...]. João Pessoa: Ctrl+E, 2020. p. 1-7. Disponível em: <https://sol.sbc.org.br/index.php/ctrl+e/article/view/11446/11309>. Acesso em: 3 out. 2022.

REDIG, A. G.; MASCARO, C. A. A. C.; DUTRA, F. B. S. A formação continuada do professor para a inclusão e o plano educacional individualizado: uma estratégia formativa? **Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, Marília, v. 4, n. 1, p. 33-44, 2017. DOI: <https://doi.org/10.36311/2358-8845.2018.v4n1.04.p33>. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/dialogoseperspectivas/article/view/7328>. Acesso em: 3 out. 2022.

SANDHOLTZ, J. H.; RINGSTAFF, C.; DWYER, D. C. **Ensinando com Tecnologia**: criando salas de aula centradas nos alunos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

SHIMAZAKI, E. M.; MENEGASSI, R. J.; FELLINI, D. G. N. Ensino remoto para alunos surdos em tempos de pandemia. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, ISSN 1809-4031, p. 1-17, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/praxeduc.v.15.15476.071>. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15476>. Acesso em: 30 jul. 2022.

SOARES, C.; SANTOS, E. Artefatos tecnoculturais nos processos pedagógicos: usos e implicações para os currículos. *In*: LIBÂNEO, J. C.; ALVES, N. (Orgs.). **Temas de pedagogia**: diálogos entre currículo e didática. São Paulo: Cortez, 2013. p. 308-330.

SOUZA, F. F.; DAINEZ, D. Educação Especial e Inclusiva em tempos de pandemia: o lugar de escola e as condições do ensino remoto emergencial. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, ISSN 1809-4031 p. 1-17, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.16303.093>. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16303/209209213524>. Acesso em: 3 out. 2022.

TEIXEIRA, E. C. A. Educação e novas tecnologias: o papel do professor diante desse cenário de inovações. **Webartigos**, [s. l.], 24 jul. 2010.

TOZETTO, S. S. Docência e formação continuada. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 13., 2017, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: EDUCERE, 2017. p. 24.537-24.549. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23503_13633.pdf. Acesso em: 15 ago. 2022.

ZORDAN, P.; ALMEIDA, V. D. Parar pandêmico: educação e vida. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, ISSN 1809-4031, p. 1-18, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.15.15481.077>. Disponível em: <https://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 30 jul. 2022.